



Tradução do conto “O Menino na Árvore”, de Oscar Nakasato, para as línguas inglesa, espanhola e francesa

Lilium Cristina Marins*, Hermano José Zanuto Andrade Santos, Fernanda Antonioli Denipoti Mesquita, Blake Oliver Furquim de Camargo, Paulo Jun Masukawa, Lowhayne Holmem Tuiller Estevam, Paula Barbosa da Silva, Fábio Augusto Neves Buri, Giulia Victoria Proença Felix, Pedro Lucas Pereira da Silva, Ezequiel de Oliveira Guedes, Helena Rodrigues Xavier, Viviane Cristina Poletto Lugli, Marco Antonio Hruschka Teles e Margarida da Silveira Corsi

Departamento de Letras Modernas, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor de correspondência. E-mail: liliumchris@hotmail.com

A presente publicação resulta de uma experiência de tradução coletiva desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos em Tradução “Tradução e multidisciplinaridade: da Torre de Babel à sociedade tecnológica”, coordenado por mim, professora Dra. Lilium Cristina Marins, e vinculado à Universidade Estadual de Maringá e ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. A proposta reuniu estudantes de graduação e pós-graduação, egressos e docentes da instituição em um processo colaborativo de leitura, discussão e negociação tradutória do conto *O Menino na Árvore*, do escritor paranaense Oscar Nakasato, que cursou Letras na própria Universidade Estadual de Maringá. A tradução coletiva foi concebida como prática formativa crítica, ou seja, “[...] um exercício de diálogo - com o texto e com os demais sujeitos envolvidos - e uma experiência de gestão coletiva” (Alvarenga et al., 2022, p. 3). Durante o processo, as decisões tradutórias foram consideradas à luz de aspectos linguísticos, culturais, estilísticos e discursivos, evidenciando que traduzir é um ato interpretativo e compartilhado. Ao partir da concepção da colaboração como uma potência criativa e também como princípio epistemológico da prática, produzimos versões em outras línguas do conto de um autor local, de forma a mostrar que não apenas podemos importar literatura do norte global, como também podemos exportá-la ao norte global. Esta é, sem dúvida, uma prática decolonial de tradução e de compartilhamento de conhecimento neste campo transdisciplinar que são os Estudos da Tradução.

Menino na árvore

Num domingo — era bem cedinho —, o menino subiu na mangueira e não quis descer mais. Era dia de missa, e a obrigação era vestir a melhor roupa — o que se traduzia em calça azul-marinho com pregas e camisa branca de mangas compridas e com botões até o pescoço — e ir à igreja cantar e ouvir o padre Lourenço. O menino cumpria a obrigação em parte, já que quase não prestava atenção às palavras do padre, tão interessado estava sempre nas meninas, que também vestiam as suas melhores roupas.

Um pouco antes das sete horas, a avó viu o menino passar pela cozinha e ir para o quintal sem dizer nada, mas não deu importância. Após preparar a mesa para o café da manhã, chamou o menino e o pai do menino — seu filho —, que estava no quarto vestindo também a sua melhor roupa. O pai respondeu que esperasse só mais um minutinho. O menino não respondeu.

— Onde se meteu esse menino?

Quando o pai foi à cozinha, a avó já estava nervosa.

— O menino desapareceu.

— Como desapareceu?

— Eu já procurei pela casa inteira e não o encontrei.

O pai sabia que o menino detestava ir à missa. Mas era assim: não tinha querer ou não querer. Então a avó viu aquela expressão de ódio, ultimamente tão frequente, embrutecer e enfeiar o rosto do pai.

— Esse menino precisa é de uma boa surra.

E foi o pai procurar pelo menino, gritando ameaças. Deu uma volta ao redor da casa, procurou nos quartos, olhou até debaixo das camas. Por fim, desistiu.

A avó já estava quase chorando:

— O que aconteceu ao menino?

— Tá na rua. Fugiu pra não ir à missa. Mas ele que me espere! E foram os dois à igreja.

Era assim: a mãe era bonita e meiga e morreu de câncer após meses de sofrimento. O pai chorou como uma criança, envelheceu e foi morar com a avó porque precisava de alguém que tomasse conta do menino. A culpa, então, era sempre da avó, que precisava tomar conta da criança e não tomava.

No caminho de volta da igreja, ela, resignada, ouviu o que sabia que iria ouvir:

— A culpa é da senhora, mamãe. Não sabe dar bronca, não sabe bater. Em mim a senhora batia.

É claro que batia! Era mãe! E ele que não pensasse que mãe e avó são a mesma coisa. Jamais! Mas ele, que se equilibrava no papel de pai da própria mãe, o que tornava irmãos a avó e o neto, não poderia compreender. Por isso ela se calava, ainda que soubesse que consentia ao ficar quieta.

O pai esperava, ao voltar da missa, encontrar o menino em casa lendo uma revista do Super-homem ou assistindo à televisão. Não o encontrou. De uma volta pelas ruas do bairro, foi até o campinho de futebol, procurou nas casas dos amigos do menino. Nada. Quando retornou à casa, agora mais preocupado que bravo, encontrou a avó sorrindo.

— Imagina que o menino estava todo o tempo lá em cima, na mangueira.

Que o menino gostava de subir na mangueira, todos sabiam. Mas em tempo de manga madura, não agora, no meio de agosto, o tempo ainda assim, meio frio. Quem iria imaginar?

— Desce já daí!

O menino estava com os pés apoiados no tronco e encostado em um galho grosso, meio deitado. Nas mãos, uma revista do herói que voa. O pai, embaixo, segurando uma cinta, ameaçava com palavras e gestos. Mas os olhos do menino não eram medrosos. Por que, então, não descia?

A avó não compreendia.

— Você, com essa cara e esse cinto, você acha que o menino vai descer?

— A senhora fique quieta, mãe! Ele é quem sabe. Tá ouvindo? É ele quem sabe! Quanto mais demorar mais vai apanhar!

Se pudesse, se não fosse o problema na coluna, subiria e desceria com o menino à força. Mas não podia. Então continuou gritando:

— Ah, quando eu te pegar!

Mas desistiu. Confiou que o menino logo ficaria com fome e desceria. Então acertaria as contas com o filho. Quando ficou sozinha embaixo da árvore, a avó, a voz mais mansa que a de costume, perguntou:

— O que você fez de errado? Quebrou alguma coisa do seu pai?

— Eu não fiz nada, vovó.

— Então por que não desce daí?

— Eu gosto de ficar aqui. Mais cinco minutos de conversa, e a avó também desistiu.

Na hora do almoço, o menino desceu. O pai o esperou na porta da cozinha, com a cinta na mão. O menino não correu. A avó se fechou no quarto para não ver o menino apanhar. E como apanhou! Mas aguentou firme, sem reclamar, sem chorar. Depois foi consolado pela avó, almoçou e voltou à mangueira.

Quando o pai soube, teve um ataque de nervos e quase não conseguiu falar. Não podia entender por que o menino o estava afrontando. Foi até a mangueira e novamente gritou insultos e ameaças.

— Ele que fique por lá — disse, enfim.

No final da tarde, apareceu um amigo, que chamou o menino para jogar bola no campinho.

— Não tô com vontade.

— Mas todo mundo vai.

— Hoje não tô com vontade de jogar bola. Eu vou outro dia.

O amigo não insistiu.

No dia seguinte, após ter passado a noite em sua cama, o menino voltou à árvore e não quis ir à escola.

E se passaram dias. O menino descia para comer, ir ao banheiro e dormir. Às vezes, tomava banho. O pai, um dia, trancou o menino no quarto. Que não fosse à escola, mas também não subiria na árvore. O menino ficou o dia inteiro trancado, sem dizer nada, sem pedir à avó que o libertasse. E ele sabia que se pedisse com jeitinho a avó desobedeceria ao filho e abriria a porta. À noite, quando retornou, o pai perguntou ao menino se iria à escola no dia seguinte, e ele respondeu que não. Assim o menino ficou uma semana trancado no quarto.

Numa segunda-feira, o pai desistiu e deixou a porta do quarto aberta. O menino disparou para o quintal e subiu na mangueira.

Os vizinhos ficaram sabendo e foram ver o que estava acontecendo, uns por solidariedade, para ajudar, outros por curiosidade, nunca tinham visto algo assim. Vieram os tios, os primos. Começaram a falar em macumba, em inveja de algum conhecido. Por isso chamaram o padre Lourenço, que ficou dez minutos tentando conversar com o menino. Foi embora prometendo que rezaria muito por ele. Depois, sem que o pai soubesse — Deus me livre se ele ficasse sabendo —, chamaram um curandeiro, que pedia como pagamento da visita o que a família quisesse dar. Não adiantou. Falaram em loucura e chamaram um psiquiatra. Nada. Vieram os amigos da escola, a professora. Até que o pai decidiu:

— Vou cortar essa maldita árvore!

Alguns aprovaram, outros foram contra. A avó consultou o psiquiatra, que achou absurda a ideia. Mas estava decidido. Um dia, ao tomar o café da manhã e correr para o quintal, o menino não encontrou a árvore. Ele ficou dez minutos parado, olhando o vazio que restara no lugar da velha mangueira.

Depois nunca mais se soube do menino. Um inquérito policial foi instaurado, e o pai disse que no dia do corte da árvore foi trabalhar e, ao voltar para ao almoço, não encontrou mais o filho. A avó, com os olhos perdidos em algum ponto da parede da delegacia, afirmou que o neto desaparecera enquanto estava no banheiro. O inquérito foi arquivado.

O pai e a avó não falam mais sobre o assunto. Uns dizem que o menino enlouqueceu de vez e foi internado pelo pai num sanatório, na capital. Outros dizem tê-lo visto com uma mochila na rodoviária, tomando um ônibus. Há aqueles que acreditam que quando a nova mangueira — plantada pelo pai no lugar da outra — crescer, o menino voltará.

Oscar Nakasato (Maringá, 1963) atualmente reside em Apucarana (PR). Doutor em Literatura Brasileira, é professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Ganhou o III Festival Universitário de Literatura Xerox — Livro Aberto em 1999, o Concurso Nacional de Contos Newton Sampaio, Categoria Especial Paraná, em 2003, o Prêmio Benvirá de Literatura, em 2011, e o Prêmio Jabuti na categoria romance em 2012, com *Nihonijin*.

The Boy in the Tree

On a Sunday — it was very early —, the boy climbed up the mango tree and didn't want to go down anymore. It was the day of Mass, and the obligation was to wear one's best clothes — which means pleated navy blue trousers and long-sleeved white shirt buttoned up to the neck — and going to church to chant and to hear priest Lourenço was the duty. The boy fulfilled this duty only in part, as he almost never paid attention to the priest's words, because of how much he would be interested in the girls, who also would wear their best clothes.

Just before seven o'clock, the grandmother saw the boy go through the kitchen and into the backyard without saying anything, but she didn't mind it. After setting the table for breakfast, she called the boy and the boy's father — her son —, who was in his bedroom also getting dressed in his best clothes. The father said she waited just one more minute. The boy didn't answer.

— Where is this boy?

— When the father got to the kitchen, the grandmother was already tense.

— The boy has disappeared.

— What do you mean disappeared?

— I've searched all the house and couldn't find him.

The father knew the boy hated going to Mass. But that was how it was: there was no wanting or not wanting. Then, the grandmother saw that hideous expression, so frequent lately, turning the father's face into something dull and ugly.

— This boy needs a good beating.

And the father went looking for the boy, yelling threats. He walked around the house, searched the rooms and even looked under the beds. At last, he gave up.

The grandmother was almost crying by then.

— What happened to the boy?

— He is on the streets. He ran away so he wouldn't have to go to Mass. He'd better watch himself! And the two of them went to church.

That was how it was: the mother was beautiful and gentle and died of cancer after months of suffering. The father cried like a child, got old and went to live with the grandmother because he needed someone to take care of the boy. Then the blame was always the grandmother's, who had to take care of the child but didn't.

On the way back from church, the grandmother, resigned, heard what she knew she would hear:

—It is your fault, mother. You don't know how to be tough, or how to beat him. You used to beat me.

Of course she did! She was his mother! And he ought not to think that mother and grandmother were the same thing. Never! But he, who balanced himself with the role of his own mother's father, which made siblings grandmother and grandson, could not comprehend it. For that reason, she remained quiet, even knowing that her silence meant compliance.

When he returned from the Mass, the father expected to find the boy at home reading Superman comics or watching television. He didn't find him. He walked around the neighborhood, went to the little soccer field and even searched at the houses of the boy's friends. Nothing. When he went back home, now more worried than mad, he found the grandmother smiling.

— Can you imagine that the boy was up the mango tree all this time?

Everyone knew that the boy enjoyed climbing the mango tree. But when the mangoes were ripe, not now in the middle of August, when the weather was still a bit cold. Who would have imagined it?

— Come down at once!

The boy had his feet on the trunk and was leaning against a thick branch, laying down a little. In his hands, the flying hero comics. The father, down below, holding a belt, threatened him with words and gestures. But the boy's eyes didn't show fear. Why, then, would he not come down?

The grandmother could not understand it.

— You, with that face and that belt, do you really think the boy is coming down?

— You keep quiet, mother! It is his choice. You hear me? That is his choice! The longer he takes, the more I'll beat him.

If he could, if it wasn't for his back problem, he would climb up and down with him forcibly. But he could not. So, he kept yelling.

— Oh, if I catch you!

But he gave up. He trusted that the boy would soon get hungry and come down. He would deal with him then.

When she was alone under the tree, the grandmother, her voice calmer than usual, asked:

— What did you do wrong? Did you break something of your father's?

— I didn't do anything, grandma.

— Then why don't you come down?

— I like it here.

Five more minutes of conversation, and the grandmother also gave up.

When it was lunch time, the boy came down. The father waited for him by the kitchen door, with the belt in his hands. The boy did not run. The grandmother locked herself in her room so as not to see the boy getting beaten. And did he get beaten! But he took it firmly, without complaining, without crying. Afterwards he was comforted by his grandmother, then he had lunch and went back to the mango tree.

When the father found out, he had a nervous breakdown and could barely speak. He could not understand why the boy was defying him. He went to the mango tree and once again yelled insults and threats.

— Let him be there — he said at last.

In the late afternoon, a friend came to invite the boy to play soccer at the field.

— Not in the mood.

— But everyone is going

— I'm not in the mood for playing soccer today. Maybe another day.

The friend didn't insist.

The next day, after spending the night in his bed, the boy returned to the tree and didn't want to go to school.

Days passed. The boy was coming down from the tree to eat, use the toilet and sleep. Sometimes he took baths. The father, one day, locked the boy in the bedroom. He couldn't go to school, but also, he wouldn't climb the tree. The boy stayed locked in all day, without saying a word, without asking his grandmother to let him out. He knew that if he asked tactfully, she would disobey her son and would open the door. At night, when the father returned, he asked the boy about going to school the next day, and he answered no. Thus, the boy spent a whole week locked in his bedroom.

On a Monday, the father gave up and left the bedroom door open. The boy went like a shot to the backyard and climbed the mango tree.

The neighbors found out and decided to check out what was going on, some for sympathy, to help, others for curiosity; they had never seen something like this. The uncles and cousins. They started talking about witchcraft, about the envy of some acquaintance. Therefore, they invited the priest Lourenço, he tried for ten minutes to talk to the boy. He left, vowing to pray a lot for him. Then, without the knowledge of the father — God forbid he heard about —, they called a shaman who asked for anything they wanted to give as a payment for the visit. It didn't help. They spoke of madness and called a psychiatrist. Nothing. The school friends came to visit him, even the teacher. Until the father settled:

— I'll cut down that damn tree!

Some approved, others were against it. The grandmother consulted the psychiatrist, who thought the idea was absurd. But the decision had been made. One day, after breakfast, the boy ran into the backyard and didn't find the tree. He stood rooted to the spot for ten minutes, staring at the emptiness that remained where the old mango tree had been.

After that, nothing was ever heard of the boy. A police inquiry was opened, and the father said that on the day the tree was cut down, he went to work, and upon returning for lunch, he didn't find his son. The grandmother, with eyes fixed vacantly on a point on the police station's wall, claimed that the grandson vanished while she was in the bathroom. The inquiry was closed.

The father and the grandmother no longer speak about this matter. Some say that the boy went insane, and he was committed by his father to an asylum in the capital. Others say they saw him at the bus station with a backpack, boarding a bus. There are those who believe that when a new mango tree — planted by the father to replace the old one — grows, the boy will return.

Oscar Nakasato (born 1963, Maringá) currently lives in Apucarana, Paraná. He holds a PhD in Brazilian Literature and is a professor at the Federal University of Technology - Paraná. He won the literature festival "III Festival Universitário de Literatura Xerox – Livro Aberto" in 1999, the Newton Sampaio National Short Story Contest (Special Paraná Category) in 2003, the Benvirá Literature Prize in 2011, and the Jabuti Prize for Best Novel in 2012, for *Nihonjin*.

El Niño en el árbol

En un domingo — era muy temprano —, el niño subió al mango y no quiso más bajar. Era día de misa, y la obligación era vestir la mejor ropa — lo que significaba llevar pantalón azul marino con pliegues y camisa blanca de mangas largas y con botones hasta el cuello — e ir a la iglesia a cantar y a escuchar al cura Lourenço. El niño cumplía la obligación en parte, ya que casi no prestaba atención a las palabras del sacerdote, pues estaba siempre muy interesado en las chicas, que también llevaban sus mejores ropas.

Un poco antes de las siete horas, la abuela vio al niño pasar por la cocina e ir para el patio sin decir nada, pero no le dio importancia. Después de preparar la mesa para el desayuno, llamó al niño y al papá del niño — su hijo —, y les dijo que esperaran solo un minuto más. El niño no contestó.

— ¿Dónde se habrá metido este niño?

Cuando el padre del niño fue a la cocina, la abuela ya estaba nerviosa.

— El niño ha desaparecido.

— Pero, ¿cómo ha desaparecido?

— He buscado por toda la casa y no lo he encontrado.

El padre sabía que el niño odiaba ir a la misa. Pero así era: no había el querer o no querer. Entonces la abuela vio aquella expresión de odio, últimamente tan frecuente, embrutecer y afeard el rostro del padre.

— Lo que necesita ese niño es una buena paliza.

Y el padre fue a buscar al niño, chillando y amenazándolo. Dio una vuelta alrededor de la casa, buscó en las habitaciones, miró hasta debajo de las camas. Finalmente, se dio por vencido.

La abuela ya estaba casi llorando:

— ¿Qué le pasó al niño?

— Está en la calle. se escapó para no ir a la misa. ¡Pero que me espere!

Y los dos fueron a la iglesia.

Así era: la madre era hermosa y dulce y se murió de cáncer después de meses de sufrimiento. El padre lloró como un niño, envejeció y se fue a vivir con la abuela porque necesitaba a alguien que cuidara al niño. La culpa, entonces, era siempre de la abuela, que tenía que hacerse cargo del niño y no lo hacía.

En el camino de regreso de la iglesia, ella resignada, escuchó lo que sabía que iba a escuchar:

– La culpa es de usted, mamá. No sabes regañar ni pegar. A mí me me pegabas.

¡Por supuesto que pegaba! ¡Era tu mamá! Y él que no pensase que madre y abuela son la misma cosa. ¡Jamás! Pero él, que se equilibraba en el papel de padre de la propia madre, lo que les hacía hermanos a la abuela y al nieto, no podía comprender. Por eso ella se callaba, aunque supiera que consentía al quedarse quieta.

El padre del niño esperaba, al volver de la misa, encontrarlo en la casa leyendo un cómic de Superman o viendo la televisión. No lo encontró. Dio una vuelta por las calles del barrio, fue hasta el campo de fútbol, buscó en las casas de los amigos del niño. Nada de encontrarlo. Cuando volvió a su casa, estando más preocupado que enfadado, encontró a la abuela sonriendo.

– Fíjate que el chico estaba todo el tiempo allá, arriba, en el mango..

Que al niño le gustaba subirse al mango, todos lo sabían. Pero en tiempo de mango maduro, no ahora, a mediados de agosto con el clima aún así, un poco frío. ¿Quién lo hubiera imaginado?

– ¡Baja ya de ahí!

El niño estaba con los pies apoyados en el tronco y recostado en una rama gruesa, casi tumbado. En las manos, tenía un cómic del héroe que vuela. El papá, abajo, sosteniendo un cinturón, le amenazaba con palabras y gestos. Pero los ojos del niño no eran temerosos. ¿Por qué entonces no bajaba?

La abuela no entendía.

– Tú, con esa cara y ese cinturón, ¿crees que el niño bajará?

– ¡Usted quédese quieta, mamá! Él lo sabrá. ¿Lo oye? ¡Él lo decide! ¡Cuanto más tiempo se quede allá, mayor será la paliza!

Si pudiera, si no fuera por el problema en la espalda, subiría y bajaría con el niño a la fuerza. Pero no podía. Entonces siguió chillando:

– ¡Ah...Ya verás, cuando te pille!

Pero se dio por vencido. Creyó que el niño pronto tendría hambre y bajaría. Entonces arreglaría las cuentas con su hijo.

Cuando se quedó sola bajo el árbol, la abuela, con la voz más dulce que la de costumbre, le preguntó:

– ¿Qué mal hiciste? ¿Has roto algo de tu papá?

– No hice nada, abuelita.

– ¿Entonces por qué no te bajas de ahí?

– Me gusta estar aquí.

Pero cinco minutos de charla y la abuela también se dio por vencida.

A la hora de la comida, el niño bajó. El padre lo esperó en la puerta de la cocina, con el cinturón en la mano. El niño no corrió. La abuela se cerró en la habitación para no ver la paliza que llevaría el niño. ¡Y qué paliza! Pero aguantó firme, sin quejarse, sin llorar. Luego fue consolado por su abuela, comió y volvió al mango.

Cuando el padre se enteró, tuvo un ataque de nervios y casi no pudo hablar. No podía entender por qué el niño lo estaba desafiando. Fue al mango y de nuevo gritó insultos y amenazas.

- Que se quede allí - dijo, por fin.

Al final de la tarde, apareció un amigo, que llamó al niño para jugar a la pelota en el campo.

- No tengo ganas de jugar.

- Pero todos vendrán.

- Hoy no tengo ganas de jugar a la pelota. Otro día iré.

El amigo no insistió.

Al día siguiente, después de haber pasado la noche en su cama, el niño volvió al árbol y no quiso ir a la escuela.

Y pasaron los días. El niño bajaba para comer, ir al baño y dormir. A veces se bañaba. Un día su padre cerró al niño en la habitación. Que no fuera a la escuela, pero tampoco subiría al árbol. El niño estuvo encerrado todo el día, sin decir nada, sin pedir a la abuela que lo liberara. Y él sabía que si se lo pidiera amablemente, la abuela iría oponerse al hijo y le abriría la puerta. Por la noche, cuando regresó, el padre le preguntó al niño si iba a la escuela al día siguiente, y él contestó que no. Así que el niño estuvo una semana encerrado en su habitación.

Un lunes, el papá se dio por vencido y dejó la puerta de la habitación abierta. El niño disparó al patio y subió al mango.

Los vecinos se enteraron y fueron a ver lo que pasaba, unos por solidaridad, para ayudar, otros por curiosidad, nunca habían visto algo así. Vinieron los tíos, los primos. Empezaron a hablar en hechicería, en envidia de algún conocido. Por eso llamaron al cura Lourenço, que se quedó diez minutos tratando de hablar con el niño. Se fue prometiendo que rezaría mucho por él. Después, sin que el padre lo supiera - Ojalá no se enterara -, llamaron a un curandero, quien pidió como pago de la visita lo que la familia quisiera dar. No sirvió de nada. Hablaron en locura y llamaron a un psiquiatra. Nada. Vinieron los amigos de la escuela, la profesora. Hasta que el padre decidió:

– ¡Voy a cortar ese maldito árbol!

Algunos lo aprobaron, otros se opusieron. La abuela le consultó al psiquiatra, a quien le pareció una idea absurda. Pero estaba decidido. Un día, al desayunar y correr hacia el patio, el niño no encontró el árbol. Él se quedó diez minutos, mirando el vacío que había quedado en el lugar del viejo mango.

Después nunca más se supo del niño. Se inició una investigación policial, y el padre dijo que el día de la tala del árbol fue a trabajar y al volver para el almuerzo no encontró más al hijo. La abuela, con los ojos perdidos en algún punto de la pared de la comisaría, afirmó que el nieto había desaparecido mientras estaba en el baño. La investigación ha sido archivada.

El padre y la abuela ya no hablan del tema. Algunos dicen que el niño se volvió loco de una vez y fue internado por su padre en un manicomio, en la capital. Otros dicen que lo vieron con una mochila en la estación de autobuses, tomando un autobús. Hay quienes creen que cuando el nuevo mango – plantado por el padre en lugar del otro – crezca, el niño volverá.

Oscar Nakasato (Maringá, 1963) actualmente reside en Apucarana (PR). Doctor en Literatura Brasileña, es profesor de la Universidad Tecnológica Federal del Paraná. Ganó el III Festival Universitario de Literatura Xerox - Libro Abierto en 1999, el Concurso Nacional de Cuentos Newton Sampaio, Categoría Especial Paraná, en 2003, el Premio Benvirá de Literatura, en 2011, y el Premio Jabuti en la categoría novela en 2012, con *Nihonjin*.

Le garçon et le manguier

Un dimanche matin – il faisait à peine jour – le garçon a grimpé dans le manguier et n’a plus voulu en descendre. C’était jour de messe. Il fallait enfiler ses plus beaux habits – un pantalon bleu marine à plis, une chemise blanche à manches longues boutonnée jusqu’au cou – et se rendre à l’église pour chanter et écouter le père Lourenço. Le garçon remplissait cette obligation en partie, car il prêtait à peine attention aux paroles du prêtre, trop absorbé par les filles, elles aussi vêtues de leurs plus beaux habits.

Un peu avant sept heures, la grand-mère a vu le garçon traverser la cuisine et se diriger vers la cour sans un mot, mais elle n’y a pas prêté attention. Après avoir dressé la table pour le petit-déjeuner, elle a appelé le garçon et son père – son propre fils – qui, dans la chambre, s’habillait également de ses plus beaux vêtements. Le père a répondu qu’il lui fallait encore une petite minute. Le garçon, lui, n’a rien dit.

– Où s’est-il encore fourré ?

Quand le père est entré dans la cuisine, la grand-mère était déjà anxieuse.

– Le garçon a disparu.

– Quoi ? Disparu ?

– J’ai cherché partout dans la maison, mais je ne l’ai pas trouvé.

Le père savait que le garçon détestait aller à la messe. Mais c’était comme cela : il n’était pas question de choisir. Alors, la grand-mère a vu cette expression de haine, de plus en plus fréquente, durcir et assombrir le visage du père.

– Ce garçon a juste besoin d’une bonne correction.

Et le père est parti à la recherche du garçon, en proférant des menaces. Il a fait le tour de la maison, fouillé les chambres, regardé même sous les lits. Finalement, il a abandonné.

La grand-mère était au bord des larmes :

– Qu’est-il arrivé au garçon ?

– Il est dans la rue. Il s’est enfui pour ne pas aller à la messe. Il n’a qu’à m’attendre, celui-là !

Et tous deux sont partis pour l’église.

C’était ainsi : sa mère était belle et tendre, morte après avoir enduré de longs mois de souffrance dû à un cancer. Le père a pleuré comme un enfant, il a vieilli après sa mort et il est parti habiter chez sa mère vu qu’il avait besoin de quelqu’un pour s’occuper du garçon. Ainsi la faute revenait toujours à la grand-mère qui était responsable de veiller sur le garçon, mais elle ne le faisait pas comme le père souhaitait.

En rentrant de l'église elle, résignée, écoutait ce qu'elle savait déjà en avance :

— C'est de votre faute, maman. Vous ne savez pas le gronder, vous ne savez pas punir non plus. Moi, vous me frappiez.

Bien sûr qu'elle le frappait! Elle était sa mère! Une mère et une mamie ne sont pas la même chose. Jamais! Mais lui, qui oscillait entre son rôle de père et celui de fils de sa propre mère – ce qui faisait de la grand-mère et du petit-fils des quasi-frères –, cela il ne pouvait pas comprendre. C'est pourquoi elle gardait le silence, tout en sachant que par conséquence son silence était un consentement. .

Le père espérait, en revenant de la messe, trouver son fils à la maison, plongé dans un magazine de Superman ou absorbé par une émission de télévision. Il ne l'a pas trouvé. Il a parcouru les rues du quartier à sa recherche ensuite il est allé au terrain de foot, chez les amis du garçon mais aucun signe de lui. De retour à la maison plus soucieux que fâché, il a trouvé la grand-mère souriante.

— Figure-toi que le garçon était tout en haut du manguier tout ce temps-là.

Que le garçon aimait grimper dans le manguier, tout le monde le savait. Mais c'était en saison de mangues mûres, pas maintenant, au cœur du mois d'août, quand l'air restait encore un peu frais. Qui l'aurait imaginé ?

— Descends-en tout de suite !

Le garçon avait les pieds appuyés contre le tronc et s'était adossé à une grosse branche, à demi allongé. Il avait entre ses mains une BD du héros qui vole. Le père en bas tenant une ceinture menaçait par des paroles et gestes. Cependant les yeux du garçon n'étaient pas effrayés. Pourquoi alors ne descendait-il pas ?

La grand-mère ne comprenait pas.

— Toi, avec cette gueule-là et cette ceinture, tu crois vraiment que le gamin va descendre ?

— Maman, arrêtez de parler. C'est lui qui décide. Vous comprenez ? ? Il va voir ce qui l'attend. Plus il tardera, plus je le frapperai.

Si c'était possible, s'il n'y avait pas de problème au dos, il monterait et ferait descendre l'enfant de force. Mais il en était incapable. Alors, il a continué à crier.

— Ah, quand je t'attraperai !

Mais il a laissé tomber. Il a compté sur la faim pour que le garçon descende. Alors, il réglerait ses comptes avec son fils.

Quand elle s'est retrouvée seule sous l'arbre, la grand-mère, d'une voix plus douce que d'habitude, a demandé :

— Qu'est que tu as fait de mal? Tu as cassé quelque chose de ton père?

— Je n'ai rien fait, mamie.

— Alors pourquoi tu n'en descends pas ?

— J'aime être ici.

Cinq minutes de plus de conversation, et la grand-mère a aussi renoncé.

À midi, le garçon est descendu. Le père l'attendait à l'entrée de la cuisine, avec une ceinture à la main. Le garçon n'a pas couru. La grand-mère s'est enfermée dans sa chambre pour ne pas voir le garçon se faire frapper par son père. Et qu'est-ce qu'il a pris ! Mais il a tenu bon, sans se plaindre, sans pleurer. Ensuite, il a été consolé par sa grand-mère, il a déjeuné et il est retourné au manguier.

Lorsque le père l'a appris, il a eu une crise de nerfs et a failli perdre ses mots. Il ne comprenait pas pourquoi le garçon osait le défier. Le père s'est rendu au manguier et a lancé de nouveau des insultes et des menaces.

— Qu'il y reste — dit-il enfin.

En fin d'après-midi, un ami est arrivé et a invité le garçon à jouer au foot sur le petit terrain.

— Je n'en ai pas envie.

— Mais tout le monde y va.

— Aujourd'hui je n'ai pas envie de jouer au foot. J'y vais un autre jour.

Son ami n'a pas insisté.

Le lendemain, après avoir passé la nuit dans son lit, le garçon est retourné à l'arbre et a refusé d'aller à l'école.

Les jours ont passé. Le garçon descendait pour manger, aller aux toilettes et dormir. Parfois il se baignait. Un jour, le père l'a enfermé dans sa chambre. Il pouvait ne pas aller à l'école. D'accord ! Mais il ne grimperait pas à l'arbre non plus ! Le garçon y est resté enfermé toute la journée, sans rien dire, sans demander à sa grand-mère de le libérer. Et il savait que s'il demandait affectueusement, sa grand-mère désobéirait à son fils et ouvrirait la porte. Le soir, quand le père est rentré, il a demandé au garçon s'il irait à l'école le lendemain, mais il a répondu que non. Le garçon est donc resté enfermé pendant une semaine dans sa chambre.

Un lundi, le père a renoncé et a laissé la porte de la chambre ouverte. Le garçon a filé dans le jardin et a grimpé dans le manguier.

Les voisins en ont entendu parler et sont venus voir ce qui se passait par eux-mêmes, certains par solidarité, pour aider, d'autres par curiosité — ils n'avaient jamais vu une chose pareille. Les oncles et les cousins, eux aussi, sont venus. Ils parlaient de macumba, de jalousie de la part de quelque connaissance. C'est pourquoi ils ont fait venir le père Lourenço, qui a passé dix minutes à essayer de parler avec le garçon. Il est reparti en promettant de prier beaucoup pour lui. Après, sans que le père le savait — Dieu nous en préserve s'il l'apprenait —, ils ont appelé un guérisseur, qui demandait comme paiement de la visite ce que la famille voulait bien lui donner. Cela n'a servi à rien. Ils ont considéré la folie et ont appelé un psychiatre. Rien non plus. Les amis de l'école sont venus, ainsi que la maîtresse. Donc le père a décidé :

— Je vais abattre ce fichu arbre !

Certains ont approuvé, d'autres s'y sont opposés. La grand-mère a consulté le psychiatre, qui a considéré l'idée absurde. Mais c'était décidé. Un jour, après avoir pris son petit déjeuner et courir vers le jardin, le garçon n'a pas trouvé l'arbre. Il est resté immobile dix minutes à regarder le vide laissé par le vieux manguier.

Après cela, on n'a plus jamais eu de nouvelles du garçon. Une enquête policière a été instaurée, et le père a déclaré que, le jour de l'abattage de l'arbre, il était parti travailler et, en rentrant pour le déjeuner, il n'avait plus trouvé son fils. La grand-mère, ses yeux perdus quelque part sur un point du mur du commissariat, a affirmé que son petit-fils avait disparu pendant elle était aux toilettes. L'enquête a été classée sans suite.

Le père et la grand-mère n'en parlent plus. Certains disent que le garçon a complètement perdu la raison et que le père l'a fait interner dans un hôpital psychiatrique à la capitale. D'autres disent l'avoir vu avec un sac à dos dans la gare routière, en train de prendre un autocar. Et puis il y a ceux qui croient que, lorsque le nouveau manguier — planté par le père à la place de l'ancien — aura poussé, le garçon reviendra.

Oscar Nakasato (Né à Maringá en 1963) habite actuellement à Apucarana dans l'état du Paraná, au Brésil. Il est docteur en Littérature Brésilienne et professeur à l'Université Technologique Fédérale du Paraná (UTFPR). Il a reçu le prix du III Festival Universitaire de Littérature Xerox - Livre Ouvert en 1999, le Concours National de Contes Newton Sampaio, la Catégorie Spéciale Paraná, en 2003, le Prix Benvirá de Littérature, en 2011, et le Prix Jabuti dans la catégorie roman en 2012, avec *Nihonjin*.

Referencia

- Alvarenga, A. F., Battistam, L. P., Bittencourt, J., Fonseca, L. C., Farias de Souza, C., Izidoro, L. G., Mhereb, M. T., Oliveira-Macedo, S., Rosas, C., & Rosas, E. (2022). Coletivo Sycorax: Desdobramentos de práticas feministas de tradução. *Revista Belas Infiéis*, 11(2), 1–17.
- Nakasato, O. (2014). Menino na árvore. In L. Ruffato (Org.), *48 contos paranaenses* (pp. 293–298). Secretaria de Estado da Cultura; Biblioteca Pública do Paraná.